Doi: [dx.doi.org/10.17921/2525-5320.2016.281-285](https://doi.org/10.17921/2525-5320.2016.281-285)

ARTEFATOS DO OFÍCIO: O ACERVO DO COLÉGIO MÃE DE DEUS E SEU POTENCIAL PARA AS PESQUISAS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DE LONDRINA

Okçana Battini* - UNOPAR

Sandra Regina Reis - UENP

Bernadete de Lourdes Streisky Strang - UNOPAR

Palavras-chave: Acervo. Documentos. História da educação.

INTRODUÇÃO

Este artigo discorre sobre a constituição do Acervo do Colégio Mãe de Deus, entendendo este espaço como lugar de guarda dos resquícios da cultura material da escola e como um locus privilegiado para as investigações que se interessem pela História da Educação e do Ensino, escritas ao mesmo tempo em que nascia uma cidade. Em 1929, Londrina se torna posto avançado do projeto inglês de colonização das terras do Norte do Paraná. O Decreto de criação do Município, no entanto, somente foi assinado pelo Interventor do Estado, em dezembro de 1934. A escola veio logo em seguida.

As doze primeiras Irmãs de Maria de Schoenstatt, vindas da Alemanha, chegaram ao Brasil em 1935, no ano seguinte, no mês de março foi criado o Instituto Mãe de Deus. No mesmo 1935 o Reich começava os primeiros expurgos com as Leis de Nuremberg. Mesmo considerando o alerta de Michel de Certeau (2015), de que toda a pesquisa historiográfica “se articula como um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (CERTEAU, 2015), não é objetivo de este trabalho discutir as questões políticas que atravessaram a trajetória dessas irmãs, sobretudo porque já existe farta literatura sobre o tema¹, mas é importante assinalar que a vinda delas ocorreu num momento político conturbado, tanto no país de origem, como na terra que elegeram para exercer seu apostolado religioso e educacional. O protagonismo da Alemanha Nazista e o Estado Novo de Getúlio

*E-mail: okibattini@gmail.com

¹ Sobre as condições de vida na Alemanha no momento da partida das Irmãs, ver Lawand e Bertan (2008).

Vargas, somado as dificuldades com o idioma local, não tornaram a vida dessas pioneiras fáceis. Ainda assim, passados alguns meses da sua criação, o Instituto já contava com 110 crianças matriculadas. A partir de então, os primeiros documentos da escola, começaram a ser produzidos.

O estudo de acervos e arquivos escolares é uma linha promissora de pesquisas, em história da educação e do ensino no Brasil. Todavia, até a década de 1990, grande parte das investigações sobre a história da educação versava sobre as políticas públicas e as ideias pedagógicas, poucas iam além desses assuntos. Nas décadas seguintes, temas como o cotidiano escolar, as práticas pedagógicas, as políticas públicas, enfim, o estudo crítico dos rumos da educação, exigiria que o pesquisador considerasse, “novos objetos, novos problemas, novas abordagens” (LE GOFF; NORA, 1976) e para isso, a cultura material da escola se mostrou imprescindível. Conhecer determinadas especificidades da escolarização requer um mergulho nos arquivos em busca de pistas para além dos aspectos legais e organizacionais do ensino. Os ecos do passado permanecem nesses espaços. Por isso, salvaguardar fontes, conservar o patrimônio histórico escolar é de importância capital, pois como alertam Nunes e Carvalho (2005) as instituições com acervos (arquivos, bibliotecas, centros de documentação) estão no centro mesmo da constituição e da redefinição do campo da história da educação.

A valorização constatada na atualidade pela preservação e pelos estudos de acervos escolares se estende por outras latitudes. A investigadora portuguesa Maria João Mogarro ao falar sobre a pesquisa arquivística e a construção da memória educativa, sustenta que os documentos contidos nos arquivos, podem introduzir “a uniformidade na análise realizada sobre os vários discursos que são produzidos pelos actores educativos-professores, alunos, funcionários, autoridades locais e nacionais” (MOGARRO, 2005, p.77). Mas o que tornou esse tipo de pesquisa possível?

A revolução historiográfica do século XX, que redefiniu e alargou os domínios da história e o arsenal da sua pesquisa, também ampliou tanto as possibilidades temáticas como o conceito de fonte histórica. No dizer de Le Goff (2005), ao se referir a tradição historiográfica de Langlois e Seignobos, o que a História Nova ampliou, foi o campo do documento histórico. A história positivista, alicerçada no documento oficial e escrito, foi substituída por outra, cuja característica principal é a

de ser sustentada por uma pluralidade de documentos de diferentes naturezas, como fotografias, filmes, escritos de todos os tipos, estatísticas, artefatos arqueológicos, documentos orais, etc.

A mudança de paradigma refletiu diretamente no ofício do historiador, na medida em que os “novos objetos” carregados de historicidade passaram a lhe exigir não só que reformulasse as perguntas, mas também que demonstrasse destreza no manejo de diferentes procedimentos teórico-metodológicos e, sobretudo, que construísse interlocução com outras áreas do conhecimento, sempre que necessário para a construção do seu objeto de pesquisa. Como afirmou Peter Burke o encorajamento à interdisciplinaridade solicitou do historiador que aprendesse a colaborar com profissionais de diferentes formações, como geógrafos, sociólogos, economistas, estatísticos, antropólogos sociais, entre outros (BURKE, 2011).

Esse texto discorre sobre a constituição do Acervo do Colégio Mãe de Deus, entendendo este espaço como lugar de guarda dos resquícios da cultura material da escola e como um locus privilegiado para as investigações que se interessem pela História da Educação e do Ensino.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa é sustentada pelo Método Histórico de investigação que pressupõe a análise e interpretação de documentos de diferentes naturezas. No canteiro[†] da História da Educação, compreendida como especialização da história, a mudança de paradigma foi bem-vinda, sobretudo por proporcionar renovação epistemológica e temática que permitiu lançar novos olhares para dentro da escola e da sala de aula, subsidiadas pelos instrumentos da disciplina fundadora. O arsenal diversificado de fontes validadas pela História Nova abriu um horizonte de possibilidades para auxiliar o pesquisador na construção da história, mas também, como já mencionado, impôs maior entrosamento disciplinar para transformar o conteúdo das fontes em problema de pesquisa.

Os documentos dos acervos e dos arquivos históricos permitem que se vislumbre como se desenvolveram os mecanismos de controle, de organização, funcionamento, reprodução e de transformação de práticas e normas da escola. Levantar fontes para construção do objeto de pesquisa e para a escrita da história

[†] Em referência ao subtítulo da obra de Jean Boutier e Dominique Julia, passados recompostos – campos e canteiros da história (BOUTIER; JULIA, 1998).

da educação pressupõe entre outras ações, a ida aos arquivos escolares e o diálogo constante com a historiografia já existente, mesmo arriscando-se à complexidade da operacionalização daí provenientes, pois “sem a pesquisa arquivística, essa historiografia, no limite, inexistente” (NUNES; CARVALHO, 2005, p.32).

O acervo do Colégio Mãe de Deus

No Brasil, a partir da década de 1990, se intensificou o debate sobre os arquivos escolares, assim como, se observou o surgimento de movimentos que buscavam evidenciar a importância de se organizar e preservar arquivos escolares, sobretudo no sentido de se criar e de se manter acervos como fontes para a pesquisa na história da educação (GONÇALVES, 2010). O caso particular do acervo do Colégio Mãe de Deus - chamado de “resgate histórico”, pertence às raras exceções no quesito preservação de documentos escolares. Ali, um grupo de voluntários composto por três professoras aposentadas e um arquivista está trabalhando desde o ano 2010 para torna-lo acessível às pesquisas em História, Educação e Ensino. O primeiro registro do acervo é datado de 25/03/2011. Acomodados em diversos locais da escola, a equipe tratou de reunir, diagnosticar, ordenar, dando para cada documento um número. A seguir passou-se a categorizar e classificar a massa documental por temas: Escola Normal, Faculdade de Música, Ginásio, Educação Infantil, etc. Os documentos mais antigos datam de 1935, um ano antes do surgimento do Colégio, e são relativos às irmãs, desde a partida da Europa, o desembarque no Porto de Santos até a chegada delas ao lar temporário na cidade de Jacarezinho, norte do Estado. Dessa época são diversos tipos de documentos, como fotografias da saída das irmãs, da travessia oceânica e da chegada ao Brasil, registro do concerto promovido pelas religiosas no navio, entre outros documentos, escritos e iconográficos.

O Acervo já está parcialmente organizado e é composto por uma série de registros da história da Escola nos seus respectivos segmentos e modalidades. São documentos dos primeiros professores e alunos, diários de classe, regimento escolar, atas de reuniões, currículos, boletins, cadernos, manuais, livros, cartas - muitas delas pessoais e em língua alemã - bilhetes, convites, atestados de saúde, de bom comportamento, de boa conduta, de idoneidade, carteira sanitária e de imunização, programas de ensino, livros de chamadas e de ocorrências, fotografias,

LPs, pinturas em tela e porcelana, mobiliários, troféus, partituras e documentos ligados a faculdade de música trazida da Alemanha pelas irmãs, juntamente com o método Suzuki de ensino dessa disciplina.

CONCLUSÃO

As pesquisas em História da Educação e do ensino tem se revelado fundamentais para se entender como se deu no passado a relação entre educação e ensino, como se operou a transposição didática dos conteúdos e quais foram as metodologias adotadas. As informações contidas nas fontes podem promover maior e melhor entendimento sobre as questões educativas do presente.

REFERÊNCIAS

- BOUTIER, J.; JULIA, D. (Org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2011.
- CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- LAWAND, D.; BERTAN, L. *A pedagogia Schoenstattiana e o Colégio Mãe de Deus: contribuições para a educação brasileira*. São Paulo: Arte & Ciência, 2008.
- LE GOFF, J. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- MOGARRO, M.J. Arquivos e educação a construção da memória educativa. *Rev. Bras. Hist. Educ.*, v.5, n.2, p.76-99, 2005.
- NUNES, C.; CARVALHO, M.M.C. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, J.G. (Org.). *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.17-62.
- RANZI, S.M.F.; GONÇALVES, N.G. As fontes da escola e a pesquisa em história da educação: contribuições do acervo do Colégio Estadual do Paraná para o campo das disciplinas escolares. *Rev. HISTEDBR*, n.37, p.29-44, 2010.